

MARCELO VICINTIN

# As sobras de ontem



*O melhor momento das pessoas é quando elas estão subindo ou descendo. No topo, todos ficam chatos.*

Jorge Guinle

Por que não beber pela manhã? Do ponto de vista biológico, qual a diferença entre tomar vinho de manhã ou no resto do dia? Nenhuma. A única razão que posso encontrar para meu desconforto é um certo pudor pequeno-burguês, um senso de dever; *não é adequado turvar os sentidos antes de realizadas nossas tarefas para com a sociedade*. Que mediocridade. Desde quando aceitamos ditames civilizatórios de garçons e dentistas e feirantes e recepcionistas? Que funda pirâmbeira descemos desde os tempos em que nossos antecessores declaravam, despretensiosamente: “*L’État, c’est moi*”.

De qualquer modo, na minha condição atual, não restam lá muitas tarefas a realizar. Sinceramente, nem tenho certeza se ainda é *manhã*. Talvez eu fique mais um pouco aqui, soterrado na massa informe que se tornou meu lençol de mil fios, o edredom de plumas de ganso, meus travesseiros, muito mais travesseiros do que uma pessoa razoável teria. Vai demorar para me acostumar com isso tudo novamente.

Eu me imaginei numa manhã porque acabei de acordar, mas essa associação entre o momento em que acordo e o raiar de um novo dia me parece um tanto estranha agora. Não nasci acreditando que o mundo só acorda quando eu acordo. Isso veio muito mais tarde, quando eu estava no topo, e era o que de fato acontecia.

Por boa parte da minha infância, acordar era mais como atravessar uma porta que ligava dois ambientes de tamanho parecido mas frequentados por pessoas diferentes e regidos por leis diferentes. Um era mágico e assustador; o outro era previsível, confortável, habitat natural dos meus pais e seus amigos.

A passagem entre esses ambientes não se dava através de uma porta comum, com sua chapa basculante de madeira, mas através de uma dessas portas-cortinas que não se veem mais; aquelas formadas por um monte de cordinhas penduradas chegando até o chão, trançadas com pedaços de madeira no formato de pequenas bolas. Passar por elas fazia barulho, e não era possível atravessá-las correndo, nem mesmo de olhos abertos. Era muito bom acordar naquela época.

Essas portas mágicas entre o mundo do sono e o da vigília eram tudo, menos portas de verdade: não impediam a passagem de nada nem ninguém, nunca estavam fechadas nem abertas. Estavam lá apenas para demarcar uma fronteira imaginária.

Tive poucos amigos na infância e viajava muito, sempre cercado de adultos, amigos dos meus pais. Quando me sentia sozinho, eu convidava algum personagem dos meus sonhos para atravessar aquela porta-cortina comigo e me fazer companhia nas salas grandes e vazias onde às vezes ficava esquecido, esperando o final de um jantar ou batizado, recital ou missa ou coroação — sabe-se lá o que os adultos faziam por tanto tempo e com tanta frequência. Atravessávamos juntos aquela porta muitas vezes, até que esquecíamos de que lado estávamos, colorindo assim as salas vazias da minha infância com personagens imaginados e aventuras secretas. Éramos como refugiados ilegais, contrabandeados de um mundo alegre para um mundo tenso, pelo prazer da aventura em si. Definitivamente, era muito bom acordar naquela época.

Mas, assim como no meu mundo imaginado, as portas-cortinas entraram em extinção também no mundo real, em algum ponto dos anos 1990. Condições de mercado, violência urbana ou o uso continuado de remédios para dormir: cada porta-cortina culpou um algoz, mas o fato é que elas foram gradualmente substituídas por comportas de aço, como as dos submarinos, do tipo que requer um enorme esforço para abrir. Foi uma dessas que tive de atravessar hoje ao acordar. E estou exausto, de novo.

Mesmo com os olhos fechados, é impossível ignorar a luz do sol entrando por um milhão de frestas dos rodapés e das janelas mal vedadas e por uma cortina malevolente que termina cinco centímetros antes de encontrar o chão. Sendo realista, preciso admitir que provavelmente já não é tão cedo assim.

Beckett abria um de seus livros com a frase “O sol brilhava, sem alternativa, sobre o nada de novo”. Pois bem, toda noite eu dou ao sol uma bela alternativa: não entre na porra do meu quarto. Respeite a janela emperrada, a cortina curta e a porta empenada como sinais das minhas ambições de sarcófago e não entre. Infelizmente, o sol é como um pedófilo velho: não resiste a nenhuma fresta. Sempre acha que do outro lado vai encontrar sua Lolita, óculos de sol e biquíni, pronta para o bronze. Mas hoje, querido invasor, hoje não é seu dia. Por aqui, apenas o “nada de novo”: eu, a cama, duas fotografias ridículas que um dia achei que me alçariam à casta dos “colecionadores de arte”, uma pilha de revistas, uma poltrona de couro marrom transformada em cesto de roupa suja e meia garrafa de um Malbec honesto.

Tanto faz se é manhã ou não. O tempo só conta quando nos leva a algum lugar. Ainda bem que faz frio — odeio acordar suado.

Tive uma amiga esnobe que adorava uma frase de efeito. Um dia, me encontrou triste e um pouco desganhado, e disse: “*Stressed*,



*depressed, but always well-dressed, darling*". Aquilo não me alegrou, mas transformou meu desânimo improdutivo numa melancolia muito particular, quase virtuosa. Estar bem-vestido, me apresentar com aprumo para um mundo que me despreza, atenua em muito a disparidade de poder entre desprezantes e desprezado. E essa é uma arma que eu sei usar muito bem.

O primeiro passo para o *well-dressed* será em frente à pia, e o caminho até ela passa perto da garrafa de Malbec. Mas não faz sentido beber agora se vou escovar os dentes em dois minutos.

Se ainda restava alguma dúvida de que não estamos mais numa manhã, minha incursão ao banheiro serviu para descartar a hipótese: a luminosidade combinada de sete sóis escorchantes chegou aqui muito antes de mim; veio passear pelas superfícies brancas e se ver multiplicada nos espelhos deste toailete temporariamente travestido de reator nuclear superaquecido.

Essa luz histórica já me cegou muitas vezes e provocou uma dor de cabeça fraca mas persistente. Não mais. Faz mais ou menos uma semana que passei a usar óculos escuros para escovar os dentes. Por que nunca ouvi falar de alguém que fez isso antes? Além do benefício óbvio de afastar uma dor de cabeça perfeitamente evitável, óculos escuros, pijama de algodão inglês e robe de *pois* combinam. *Well-dressed indeed, Egydio, well-dressed indeed.*

Sorrir para o próprio reflexo no espelho é uma das atitudes mais boçais que um ser humano pode tomar. Difícil explicar por que alguém como eu faria uma idiotice dessas. Talvez ainda esteja um pouco bêbado de ontem, mas não é só isso. Tem algo mais que me anima hoje.

Quando disse que não tenho mais tarefas a realizar, eu menti: hoje, excepcionalmente, tenho uma missão, e era essa lembrança repentina que se escondia atrás do estranho sorriso matinal. É verdade que a missão em si não é algo que me causaria muita expectativa há alguns anos, mas, levando em conta as restrições atuais, meu dia promete ser agradavelmente movimentado.

A ideia me veio ontem, quando assistia a um filme que fazia mais de dez anos que não via. Tenho testado os limites da minha coleção de DVDs ultimamente: dois, três, algumas vezes quatro num único dia. Nunca fui um cinéfilo dedicado, mas a falta de alternativas tem me transformado num deles.

Aquele filme do Buñuel, *El ángel exterminador*, se passa no palacete de um aristocrata espanhol, que convida alguns amigos para um banquete após a ópera. Depois de comer, todos passam para um grande salão, onde conversam animadamente e escutam uma peça de piano que é tocada por uma das convidadas.

Quando o recital termina e todos parecem prontos para ir embora, os convidados misteriosamente sentam-se mais uma vez em suas poltronas e sofás e lamentam entre si a impossibilidade de deixar o salão. O palacete continua igual; atrás do piano é possível ver a porta de entrada aberta e das janelas se vê a rua. Não existe nenhum obstáculo físico que impeça o grupo de sair. Os funcionários da casa, depois de recolherem os últimos pratos da mesa de jantar vazia, deixam o local sem dificuldade. Mas o grupo de convidados permanece ali. Inexplicavelmente preso.

Da primeira vez que vi o filme, a situação me pareceu meio idiota, e confesso que não lembrava de mais nada depois desse ponto, porque nunca tive muita paciência para os enredos surrealistas. Vou continuar acompanhando para quê, se um elefante voador pode

entrar em cena a qualquer instante e esmagar a todos sem nenhuma explicação?

Mas, ontem, aquela situação não me pareceu idiota, nem mesmo surreal. Aquela era exatamente a minha situação. Eu também estou preso, sem nenhuma barreira física me impedindo de sair. Todo dia, vejo com uma ponta de inveja meus funcionários saindo e voltando, exibindo sem pudor suas liberdadezinhas mal aproveitadas, e lembro do que dizia Axël, Villiers de l'Isle-Adam: "Viver? Nossos criados farão isso por nós". O vinho já começava a arder meu estômago, mas de repente o filme me parecia interessante demais para ser interrompido.

Aquele cenário, inicialmente tão pomposo, vai se tornando sombrio. O impasse se arrasta por dias e os convidados seguem acampados no salão. Aos poucos, todo o verniz social desaparece. As roupas transformam-se em trapos, os penteados se desfazem, as conversas viram xingatórios e os cantos do salão, latrinas. Desesperados por água, eles quebram uma parede em busca do encanamento. Algum tempo depois, começam as tentativas de assassinato e de suicídio.

Quando tudo parece irremediavelmente corrompido, uma das convidadas sugere que retornem às posições onde estavam assim que entraram no salão e retomem a primeira conversa. Isso os faz perceber que não estão presos e que podem sair da casa, se quiserem.

O incômodo de assistir a esse filme foi quase físico, e me parece urgente entender melhor o que se passou naquele palacete madrileno.

CONVIDADO 1 Agora é sério. Estão apagando as luzes!

CONVIDADO 2 Chegou a hora de tomar uma decisão. Precisamos ir. Se os outros estão loucos ou bêbados, que fiquem.

CONVIDADO 3 Mas isso é totalmente inconcebível!



*Sentam-se todos num sofá.*

Desde que fui preso, eu também estou lutando contra minha própria indigência. Também estou lentamente perdendo minha polidez, minha *verve*, que já me foram tão características.

É humilhante reconhecer, mas ultimamente minhas grandes preocupações estão ligadas a assuntos deveras fascinantes, como a periodicidade ideal para troca da escova de dentes (qual o melhor indicador, a perda de cor das pontas azuis ou o gradual espalhamento das cerdas?) ou as diferenças de durabilidade de lâmpadas 127V e lâmpadas 220V. Outro dia me flagrei escrevendo um e-mail de reclamação ao fabricante por acreditar que um de seus produtos anda piscando demais.

Na semana passada, esvaziei uma estante de livros inteira apenas para checar minha paranoica hipótese de que ali atrás poderia haver uma infiltração. Não havia. Quanto tempo mais até que eu comece também a quebrar paredes procurando canos imaginários?

Se a prisão tradicional tende a deprimir, a domiciliar é um convite perigoso à loucura. A cada dia, quando chegam em casa, meus empregados encontram uma versão mais selvagem do patrão; meus bons-dias foram se transformando lentamente em grunhidos. Já consigo imaginar os surtos de raiva assassina e suicida. O clímax parece próximo. E até ontem eu estava quase desejando que chegasse logo.

Mas então, vendo aquele filme estranho, algo novo apareceu no mar morto da minha cabeça. Uma ideia capaz de tornar as semelhanças entre o filme e a minha vida um pouco mais animadoras: talvez a fórmula deles funcione para mim também. Talvez tudo que eu precise para me libertar seja voltar à minha posição inicial, visitar minhas influências, minhas escolhas, refazer

meu caminho até aqui. Talvez, assim como aos aristocratas madrilenos, isso também me liberte. Eu preciso voltar à era de ouro deste apartamento e reencenar um grande jantar de gala, como se nada tivesse acontecido. É fundamental reencontrar minha posição inicial no mundo, mesmo que só por uma noite.

Quando eu tiver escalado a pirambeira de onde despenquei, a vista lá de cima há de explicar o que hoje me foge aos olhos e me desafia a lógica. Teria feito isso ontem mesmo, se não estivesse bêbado demais para pensar em linha reta. Não faz mal. Faço agora.

Minha sala está mais escura do que o quarto, mas não tenho pressa de tirar os óculos; estou confortável aqui dentro. As persianas inclinadas listram de preto a vista dos meus janelões: o imenso tapete verde do Jardim Europa e do Jardim América, com suas ruas redondas separando dois exércitos de alvenaria; de um lado, os palacetes neoclássicos e casarões coloniais defendendo o Ancien Régime, agrupados em torno da Sociedade Harmonia de Tênis; do outro, as *über* casas de aço, vidro e madeira, lentamente ganhando terreno na paisagem que parece sempre imóvel. Bem no meio, a torre solitária e bege da igreja São José, como um farol distante, piscando para me lembrar de onde vim e para onde estou proibido de voltar.

Faróis têm essa peculiaridade; servem para chamar a atenção do navegante ao mesmo tempo que pedem para ser evitados: “Embaixo dessa luz branca que pisca tão calmamente, escondo um rochedo perigoso, em litígio permanente com o mar; uma briga cheia de espumas e espirros que já rasgou tantos cascos e engoliu conveses inteiros no breu das noites de travessia”.

Antes de empestarmos nossos céus com satélites e nossos barcos com sistemas de navegação eletrônicos, eram as estrelas que apontavam a direção no mar. Mas as estrelas nunca foram boas em apontar os rochedos ou os bancos de areia escondidos no caminho. Para isso construímos os faróis, nossas próprias estrelas, e as fizemos piscantes para diferenciar nossas criações das estrelas originais.

Ao contrário dos faróis marítimos, o campanário da igreja São José pisca de dia mesmo, como resultado do reflexo da luz do sol na enorme cruz de alumínio, fixada no topo da torre. À medida que caminho pela minha sala, o sol vai fustigando a lateral metálica da cruz de cima a baixo, e por duas vezes ao longo do meu percurso seus raios são rebatidos no ângulo exato dos meus olhos. Qual a probabilidade de isso acontecer? Nenhuma. É uma zombaria velada. *Venha aqui, se for bom mesmo...*

Todo dia acordo e observo a torre da São José com um misto de irritação e desprezo. A primeira coisa que vou fazer quando me livrar da tornozeleira eletrônica será implodir aquela torre de merda. Mas esse é um plano de longo — longuíssimo — prazo. Retornemos à tarefa em mãos.

ANFITRIÃO Estou confuso! O que está acontecendo? Por que não partem?  
Não sei como chegamos a isso. Tudo tem limites.

ANFITRIÃ Não sei o que te dizer. Mas temos de oferecer café da manhã.  
Depois, certamente, vão para casa.

Planejar um banquete, um jantar de gala, pode parecer trivial para quem nunca planejou um, mas garanto que não é. E não estou me referindo às dificuldades que sem dúvida surgem da minha peculiar situação. Antes de pensar no lado prático de um evento desses, é importante levar em consideração o lado mais, digamos, filosófico da coisa. Todo banquete necessita de contexto. Não é tanto um jantar

*image  
not  
available*



querem fugir deles. Mas não posso imaginar que alguém queira ver seus pais citados num mandado de prisão. Por trinta e seis anos, ouvi deles e repeti para eles o mantra de que eu tinha a responsabilidade de levar à frente o legado da minha família. Depois daquele dia, esse mantra me parecia uma piada suja, rabiscada num banheiro de posto de gasolina.

Aquela manhã nasceu com uma quantidade alarmante de olhos. Três carros pretos da Polícia Federal são suficientes para atrair uma pequena multidão, mesmo às sete da manhã. E cada pessoa naquela multidão parecia trazer o mesmo par de olhos. Não vi ninguém sorrindo ou gesticulando, nada de ofensivo foi dito; mas os olhos, todos eles me desprezavam. Até os olhos de vizinhos, que correram em pijamas horríveis para ver o circo armado no lobby do prédio, até eles, que me conheciam bem, sempre amigáveis, prestativos, cordiais, até eles me odiavam com os olhos.

Os únicos olhos que não me massacravam naquela manhã eram os olhos verdes da Amélia, minha ex-futura esposa. Esses olhos se escondiam de mim. Mas eu sabia que por trás daquelas mãos branquinhas e daqueles anéis todos eles choravam em silêncio.

Eu estava nu em um mundo sem compaixão. Foi um violento — e eficiente — processo de compressão de ego. Quando anoiteceu, eu já não sentia mais vergonha.

Durante os dezoito meses, dois presídios e uma delegacia que se seguiram, o que mais senti foi raiva; e uma frustração crônica de quem é obrigado a jogar — e perder — infinitas partidas do mesmo tedioso jogo.

Minha peregrinação carcerária começou na sede da PF em São Paulo. Nos três meses que fiquei ali, dividia minha cela com um traficante, preso em Guarulhos com vinte e sete quilos de cocaína dentro de uma prancha de surfe. Enfim, um gênio.

*image  
not  
available*

loucura, mas suspeito que algo no meu processo cognitivo já não funciona tão bem depois daquela experiência.

Para um presídio de segurança máxima, Tremembé até que é arejado e estranhamente arborizado. Seu nome original era Fazenda Modelo Penitenciária. Mas são os presos, mais do que a estrutura, que trazem um ar de manicômio.

Entre seus trezentos detentos, Tremembé abriga pedófilos, estupradores em série, infanticidas e toda sorte de monstros sobre os quais lemos aterrorizados nos jornais. O que os leva para lá, entretanto, não são os crimes em si, mas o fato de estarem estampados nos jornais: é a penitenciária dos famosos. E o que confere fama a esses criminosos? Depois de meses convivendo com a duvidosa *crème de la crème* da criminalidade nacional, suponho que seja a “normalidade” que a imprensa vê nos meus ex-vizinhos de cela que chama atenção. Quanto maior a semelhança — física, social, moral — entre o leitor do jornal e o criminoso em questão, maior a fama que o segundo alcança. Essa semelhança, bem como a proximidade que ela pressupõe, é insuportável para quem está do lado de fora da cadeia e, para tranquilizar o bom cidadão, enlouquecemos o criminoso: *eles parecem iguais a mim, mas na verdade são loucos*.

Basta isso para enlouquecer alguém: um consenso. Acho cômico, porque nada é mais comum neste mundo do que consensos estúpidos. Mesmo assim, basta que a população em geral — essa entidade medíocre por definição — acredite que alguém é louco, para que a pessoa passe a ser tratada, em todos os aspectos práticos, como louca.

Claro que entre o consenso e o atestado existem alguns procedimentos pseudocientíficos que conferem um ar menos amador ao processo, e esses procedimentos não são feitos em Tremembé, mas

*image  
not  
available*



escolhi tirar. Basta dizer que sobrevivi para contar a história. E que, entre as histórias que tenho para contar, essa não é das melhores.

Quando finalmente minha pena foi reduzida e alterada para prisão domiciliar, a raiva dos primeiros meses tinha ido embora. O que sobrou foi o cansaço e uma vontade incontável de me distanciar dos últimos dezoito meses.

Deixei o processo na mão dos advogados. Não releio mais, não sublinho, não tomo notas. Ainda tenho que me reunir com eles duzentas vezes por semana, mas me recuso a seguir ruminando a ladainha que vendem: abuso de autoridade, arbitrariedade da Justiça, promotor esquerdista querendo fama de Robin Hood... Isso tudo existe, claro; mas a verdade é que existe *para mim*, não para os meus vizinhos. Existe porque *eu* cruzei uma linha imaginária. Fiz um pouco mais do que era aceitável.

Eu movi a primeira peça; se, depois disso, levei um xeque-mate roubado ou merecido, não me interessa. Além do quê, essa briga jurídica toda é consequência, não a causa. A causa me interessa mais agora. Foi ela que me colocou sentado aqui, entediado, olhando para o nada, proibido de sair de casa.

A causa: falando assim, parece um evento único, um momento crucial — quando eu, puro e inocente, mordi o fruto bíblico. A causa é um oceano sem vento nem correnteza: uma enormidade amorfa e diluída, misturada com tudo mais de relevante que vivi e que ao longo de décadas me empurrou para este desfecho. Essa enormidade não tem um nome, naturalmente, mas uma análise química da sua composição mostraria que um elemento aparece com muito mais frequência que todos os outros: o tédio.

À primeira vista, parece irônico pensar que, tentando fugir do tédio, eu acabei preso dentro dele. Mas é exatamente assim que o tédio funciona: o princípio da areia movediça. Quanto mais você o

*image  
not  
available*

ancorada bem ao largo de Beirute. Ficaram ali por cinquenta e nove dias, olhando a guerra corroer a capital.

Toda manhã, a cidade era bombardeada por caças vindos de Israel. Eles vinham pelo mar, voando alguns metros acima da água, e entravam no Líbano por uma praia bonita e um pouco afastada. Acontece que todo dia, nesse mesmo horário, reuniam-se ali dez jogadores de vôlei de praia, que tentavam com afincado ignorar a guerra.

No primeiro dia em que os caças sobrevoaram a praia, o pânico foi total. Alguém os percebeu vindo, ainda de longe, e gritou. Todos correram, muitos se jogaram embaixo de carros, outros deitaram no chão e cobriram a cabeça num gesto de desespero. Como imaginar que se sobrevive a um F-16 protegendo a nuca com um par de mãos? Alguns com certeza choraram.

Mas os caças não atiraram. Passaram num silêncio surreal. Poucos segundos depois, o estrondo das suas turbinas supersônicas espalhou outra onda de pânico entre os jogadores: imaginaram uma bomba de explosão retardada. Todos se deitaram no chão de novo, mãos na cabeça, o medo da morte. Mais uma vez, nada aconteceu.

A confusão durou menos de dois minutos, mas o abalo durou a manhã toda, e os jogos não foram retomados.

No segundo dia, novamente os caças assustaram os jogadores, que correram, mas num passo mais manso, como quem corre por precaução, não pânico. Nesse dia o jogo foi retomado alguns minutos depois.

No terceiro dia, a pausa feita pelos jogadores para a passagem dos caças tinha sido reduzida a trinta segundos.

Do quarto dia até o fim do cerco, os caças israelenses foram completamente ignorados pelos jogadores, que nem sequer paravam a partida durante sua passagem. Do convés da fragata, a tripulação

*image  
not  
available*



descida. Confrontados com a perspectiva de abstinência abrupta, escolhem “sair da vida e entrar para a história”.

Para além de todos esses riscos, quem resumiu melhor a visão Brandor Poente sobre o poder foi uma outsider: minha mãe, que, quando ainda era casada com meu pai, costumava dizer entre baforadas de cigarro: “Não existe nada mais cafona que gente poderosa”.

Eu acreditava nessas verdades universais, repetidas desde a minha infância, e passei muitos anos correndo atrás apenas de dinheiro e sexo. Foi um enorme prazer; mas foram, também, distrações passageiras, incapazes de dar conta do tédio crônico que me assolava. Des Esseintes visitava meus sonhos, sorrindo cínico e falando baixo: “Se o preço da abundância é a saciedade, o preço da saciedade é o tédio”. Minha vida mansa precisava de uma tentação proibida. Era inevitável meu envolvimento com certos poderosos, e talvez minha punição também.

O que me incomoda na verdade não é o resultado, e sim a maneira accidental, quase amadora, como tudo se passou. Faltou algum evento de marcação, um cerimonial de encerramento que deixasse claro que fui eu o protagonista da minha própria decadência. E que não sou apenas uma vítima dela, mas seu criador, consciente e até um pouco orgulhoso do resultado.

No final de 1889, quando já era evidente que a monarquia seria abolida, o visconde de Ouro Preto, presidente do conselho de ministros imperiais, decidiu usar dez por cento de toda a arrecadação do governo e oferecer um banquete para cinco mil pessoas numa ilha no meio da baía de Guanabara. O evento ficaria conhecido como O Último Baile da Ilha Fiscal e a monarquia cairia cinco dias depois.

*image  
not  
available*

# Paris, fevereiro de 2002

“E agora, vó?”

“Agora a gente olha. Olhe as pessoas, Marilu. Esse é um dos grandes prazeres da vida: olhar gente bonita passar. E, entre tantos prazeres, esse é de graça, o que vem muito a calhar...”

Isso foi no lobby de um hotel chamado Hôtel de Crillon, em Paris. Eu tinha acabado de fazer quinze anos e tudo que eu queria na vida era aquela bolsa Louis Vuitton do Murakami, com os logotipos coloridos, cada um de uma cor diferente, rosa, verde-limão, laranja, lilás, linda de viver essa bolsa, mas a minha avó Odette, que era a única pessoa da família que podia me dar um presente caro daqueles, disse que presente de debutante é viagem internacional, não bolsa. Então lá fomos nós, só as duas, pra Paris. Era a primeira vez que eu saía do Brasil. Eu sou neta única. Neta e filha única. E fui bem mimada. Não a ponto de ganhar uma bolsa Louis Vuitton do Murakami com logotipos coloridos e alça de couro bege-clarinho, mas fui mimada mesmo assim.

“Olha aquela moça de casaco de pele marrom; repara na qualidade da pele, deve ser mink, percebe como é grosso e como cada pelinho brilhante se mexe independente dos outros pelinhos, e como eles formam essas ondas brilhantes no corpo dela? Bonito, né? Parece um campo de trigo, não parece? A dona do casaco parece um camaleão, mudando a cor da pele o tempo todo. Esse nariz empinado por cirurgião plástico, esse rabo de cavalo mais branco que

*image  
not  
available*



# Casa dos meus pais, maio de 1992

Eu me apaixonei pela primeira vez quando tinha cinco anos de idade.

Isso tá um pouco fora de ordem, porque aconteceu bem antes da minha viagem pra Paris. Se fosse um filme, teria que ser em preto e branco essa parte, pra não confundir as pessoas. Mas não é um filme e eu nem sei o que é. “O diário secreto de Marilu”? Mais provável: “Evidência número 13 no processo do governo para internar a srta. Maria Luiza Alvorada e todos os seus 157 gatos num hospício”. Certeza. Mas se é pra escrever um diário, acho que o certo é começar contando umas coisas da minha infância também, né?

Enfim, como eu dizia, eu me apaixonei pela primeira vez quando tinha cinco anos de idade. Tinha saído do banho, cabelos meio molhados. Lembro de usar um pijama de flanela cor-de-rosa, pantufas de coelhinhos e um robe vermelho que meu padrinho trouxe da Disney pra mim. Sentei numa poltrona enorme que tinha na sala de casa. Na TV passava o *Glub Glub* (lembra disso? Adoro).

De repente, entram na sala meus dois primos: o Deco, que tinha uns quinze anos na época, e o Pedrinho, um pouco mais novo. Eles chegaram chegando: fazendo barulho, bufando, carregando umas malas enormes. Eles iam dormir em casa naquela noite, não sei por quê.

O Deco passou reto por mim em direção à cozinha — esse menino nasceu com muita fome, meu Deus. Não é à toa que virou

*image  
not  
available*

colégio que eu nem queria, do outro lado da cidade, e eu ainda acabaria sendo rejeitada por todo mundo lá. Belo plano, mammy.

Mas isso foi bem depois. No começo era bom estudar lá. Eu tinha amigas que dão saudade até hoje e adorava brincar nas casas delas, sempre maiores que a minha.

Lembro de uma festinha que foi na quadra de tênis subterrânea da casa de alguém. Quem é que tem uma quadra de tênis subterrânea? O que tinha em cima da quadra? E embaixo? Porque quem cava um buraco para colocar uma quadra de tênis dentro, já aproveita o embalo e cava mais um pouco, coloca uma roda-gigante também ou sei lá. Essa época foi muito mara. Nessas festinhas sempre tinha mágicos, presentinhos na saída, piscina de bolinhas. Lembro dos jogos de queimada, polícia e ladrão e meu preferido: Marco Polo. Lembro de pular corda.

Engraçado que, nessa época, riqueza ainda era uma coisa mais compartilhada: um brinquedo, uma piscina, uma festinha, eram todas coisas que precisavam de amigos pra serem legais. Pena que isso não dura.

Quando eu fiz onze anos, mais ou menos, tudo começou a mudar. Primeiro apareceram os tênis que brilham no escuro, depois os relógios da Nike, depois os patins com rodas de gel e depois não parou mais: uma montanha de coisas e brinquedos e roupas despencou na nossa sala de aula, deixando todo mundo de um lado e eu, a coitada, do outro.

Criança é o bicho mais interesseiro que existe. Mais que gato até. Dizem que você nunca vai ver um gato com um mendigo, porque gatos são interesseiros e largam do dono se ele virar mendigo, né? Pois aquelas crianças ali largavam até do pai se ele virasse mendigo. E o exemplo é bom, porque era assim mesmo que eles me viam:

*image  
not  
available*



atenções e perder isso. Que raiva do Victor Hugo que eu sentia. Ainda sinto, aliás. Se esse moleque passar na frente do meu carro hoje em dia, eu atropelo.

Eu ainda me arrastei por aquele colégio por mais três anos, mas nem me lembro direito desse período. Tenho um pouco de vergonha do que lembro, na verdade: eu desenvolvi uma paixão platônica doentia pelo Jon Bon Jovi e até fundei um fã-clube em homenagem a ele, que teve um total de onze membros. Depois fingi ser gótica por uns meses. Mas era só pra disfarçar a falta de amigos mesmo.

Quando finalmente meu pai quebrou e me mandou passear com a sogra dele em Paris, eu era uma menina tímida e um pouco triste. Acho que foi por isso que eles tiveram tanto cuidado ao me contar sobre a falência da revenda e a mudança pra Florianópolis. Mas, quando eu soube, fiquei feliz: não conhecia quase nada de Floripa, mas sabia que era uma ilha, com muitas praias, gente jovem, e o principal: me tiraria daquele colégio odioso.

*image  
not  
available*

Em outros lugares não é assim. No mundo civilizado, a cocaína é vista como a mais nobre das drogas. Por isso, aliás, custa tanto.

Quando eu tinha catorze anos, fui despachado para Cambridge (a cidade inglesa, não a cópia americana) e passei os quatro anos seguintes morando na St Hubertus School, um internato violento e úmido que me traz muitas boas lembranças. Foi lá que me familiarizei com a maioria das drogas e suas “perigosas mentiras estupefacientes, cujo auxílio é requerido para entorpecer a dor e enganar o tédio”.

No começo, claro, eu odiei meus pais por me tirarem do colégio britânico em São Paulo e me enviarem para aquilo que me pareceu uma mistura de mosteiro beneditino e *madrassa* de terroristas islâmicos. Odiei mais ainda quando no Natal daquele primeiro ano eu percebi o real motivo de ter sido despachado: o exaltado divórcio dos meus pais, as gritarias em casa, as acusações cruzadas. Basicamente, eles se livraram de mim para poder brigar em paz.

Digerir aquilo sobrecarregava minha cabeça com pensamentos circulares que nunca levavam a conclusão alguma, e foram as drogas que me ajudaram a recobrar o controle das minhas emoções. Em seis meses, experimentei todas as drogas disponíveis na Inglaterra dos anos 1990. Menos heroína, naturalmente. Eu estava puto, mas ainda tinha medo de morrer.

Foi através da maconha — que eu já fumava no Brasil — que fiz minhas primeiras amizades no St Hubertus. Apareci fumado para assistir a aula inaugural do ano letivo, e minha coragem suicida me rendeu o respeito dos russos do colégio. Dali em diante, eu me tornei parte da máfia russa local — que era como aquele grupo confuso de russos, sérvios e ucranianos gostava de se definir, sem muita ironia.

Os russos me ofereceram a maioria das outras drogas e eu aceitava tudo, em parte porque queria impressionar meus novos amigos, mas